



**MAPA**  
**Plataforma interativa mostra inundações**  
Banco de dados, criado pela UFRGS, identificou áreas mais atingidas no RS



## ENSINO SEGURO

### REFLEXOS NA EDUCAÇÃO

**358 mil**  
alunos  
sem aula, o que corresponde a 48% do total de estudantes do estado

**1.028**  
escolas  
afetadas pela chuva, de um total de 2.345 escolas estaduais

**Medidas sugeridas por especialistas**  
Planejamento de longo prazo, com retirada definitiva da população de áreas de alto risco. A avaliação é que soluções simples, como a reconstrução das escolas, não vão mais adiantar.

ESPRESSO DE ATE

Os reflexos das enchentes vão além dos danos físicos e podem afetar o futuro de jovens estudantes do Rio Grande do Sul. Com escolas destruídas ou ainda debaixo d'água, 358 mil alunos estão sem aula, o que corresponde a 48% do total no estado — boa parte deles sem perspectiva de quando poderão retornar aos seus estudos.

A Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul afirma que, das 2.345 escolas estaduais, 1.028 foram afetadas de alguma forma. O número engloba unidades que estão ilhadas, danificadas, sem transporte escolar ou sem servidores. —Há vários níveis de dano. Aquelas que vão ter que trocar o telhado, que o piso vai ser escola que foi inteira destruída, além de perda de computadores, livros, fogão, geladeira. É algo que nunca vi antes, estrago bem maior que as últimas enchentes — afirma a secretária estadual de Educação, Raquel Teixeira. Especialistas afirmam que, diante de situações excepcionais como a tragédia no Rio Grande do Sul, governos e gestores da área precisam estar preparados para adotar medidas alternativas que minimizem o impacto na formação dos jovens. O Ministério da Educação (MEC), por exemplo, liberou a retomada das aulas de forma remota, a exemplo do que ocorreu durante a pandemia de Covid-19. Voluntários passaram a realizar atividades de ensino com as crianças desabrigadas. —Precisamos dessas adequações, de espaços alternativos, para que haja possibilidade de ter aulas e diminuir o impacto no tempo da aprendizagem — afirma Katia Simões, ex-secretária de Educação Básica do MEC. Um estudo de 2022 do Unicef, agência da ONU para

infância, estima que mais de 40 milhões de crianças e adolescentes no Brasil estão expostos a riscos relacionados a questões climáticas, o que corresponde a 60% da população nessa idade no país. É por isso que, para o cientista climático Carlos Nobre, soluções simples, como a reconstrução das escolas, não vão mais adiantar. Segundo ele, é preciso fazer um planejamento a longo prazo, com retirada definitiva da população de áreas de alto risco. —Não há outra solução, porque os eventos climáticos extremos não vão diminuir — disse o presidente do Painel Científico para a Amazônia.



## MAIS OBRAS DE PREVENÇÃO

A imagem do aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, com as pistas e saguões submersos, se tornaram um símbolo da devastação provocada pelas enchentes. A Fraport, concessionária que administra o terminal, diz que todo o sistema operacional foi comprometido e terá de ser refeito. Após assumir o controle da unidade em 2017, a empresa investiu R\$ 2 bilhões em melhorias na principal porta de entrada aérea do Rio Grande do Sul — que recebe, em média, 100 mil passageiros por semana. Agora, terá que fazer novos aportes.

Segundo a Infraero, nunca houve caso de um terminal ter ficado totalmente inoperante, com a possibilidade de precisar ser reconstruído, devido a um desastre climático. Técnicos do órgão lembram que em 1998 o Aeroporto Santos Dumont, no Rio, chegou a ser interditado por seis meses, mas na ocasião o motivo foi um incêndio. O incêndio da taga da guicha também é apontado nos danos na malha viária do estado. Um levantamento do Ministério dos Transportes aponta que pelo menos 62 trechos de estradas e pontes precisarão ser reconstruídos,

um gasto adicional de R\$ 1,2 bilhão. O valor é quase 20% do orçamento anual do Departamento Nacional de Infraestrutura Urbana (Dnit) para manutenção de todas as vias do país. Além das obras, a pasta afirma que será preciso avaliar a instalação de bueiros para escoamento das chuvas ao longo das vias e, em alguns casos, até estudar novos locais para a construção de pontes ou modelos mais altos. —Nunca precisamos fazer um programa de recuperação de estradas tão extenso e intenso — disse a secretária de Fazenda do Rio Grande do Sul, Priscilla Maria Santana. Carlos Primo Braga, profes-

sor da Fundação Dom Cabral e ex-diretor de política econômica do Banco Mundial, vê necessidade de o país investir em planos de contingência e em obras de prevenção. —É importante investir, em particular, para aumentar a resiliência da infraestrutura física e social. O Brasil, porém, segue em direção oposta. Os gastos necessários para reconstruir as estruturas destruídas destinam-se aos investimentos em gestão de riscos e respostas a desastres. A cifra reservada no Orçamento, que foi de R\$ 4,4 bilhões em 2014 — em valores corrigidos pela inflação — caiu para R\$ 2,6 bilhões no ano passado.



Devastação. O aeroporto internacional de Porto Alegre ficou com a pista submersa



## PLANOS DE CONTENÇÃO

### SISTEMA DE SAÚDE AFETADO

**9**  
hospitais ficaram inoperantes

**164**  
unidades básicas de saúde tiveram suas atividades afetadas

**5**  
hospitais de campanha foram montados como medida emergencial

**20 mil**  
voluntários da área de saúde foram para o estado

**R\$ 63 milhões**  
foram reservados pelo governo estadual para ações de prevenção e controle de epidemias

ESPRESSO DE ATE

Com nove hospitais inoperantes e 164 unidades básicas de saúde com atividades afetadas pelas enchentes, o Rio Grande do Sul enfrenta desafios para evitar uma nova crise sanitária. Como medida emergencial para manter os atendimentos, o Ministério da Saúde e o Exército montaram cinco hospitais de campanha nas cidades de Canoas, Estrela, São Leopoldo, Eldorado do Sul e Guaiiba. Mais um está previsto em Porto Alegre.

Estrutura semelhante havia sido montada apenas durante a pandemia de Covid-19, em 2021, quando foram abertos 20 leitos temporariamente na capital gaúcha para atender pacientes infectados pelo vírus. A diferença é que na época a rede de saúde estava funcionando em sua plenitude. Além de amparar feridos e enfermos, uma das preocupações das autoridades e profissionais de saúde tem sido a ocorrência de surtos de doenças transmitidas pelo contato com a água. Após as inundações, há riscos de leptospirose, hepatite A, tétano, acidentes, problemas respiratórios e transtornos transmitidos por vetores. O Ministério da Saúde já tem aplicado tratamento profilático para as pessoas mais expostas, especialmente socorristas e aqueles que foram resgatados nas enchentes.

No maior abrigo da Região Metropolitana de Porto Alegre, instalado no campus da Universidade

Luterana do Brasil (Ulbra), foi registrado o primeiro caso de leptospirose na sexta-feira passada. A doença é contraindicada pela exposição à urina de ratos. A pesquisadora da Fiocruz, Margareth Dalcolmo alerta que, embora a estratégia de abrigos seja acertada, muitas pessoas estarão expostas a diferentes vírus nesses locais, o que demandará vacinação para todas as idades contra influenza, por exemplo. A reconstrução de hospitais e postos de saúde, pontua ela, deve ter como prioridade o redirecionamento de pessoas para serem imunizadas.

Dalcolmo aponta ainda para a necessidade do país preparar planos de contenção para novas catástrofes climáticas, que previjam estratégias de recursos humanos, insumos e infraestrutura. —O sistema de saúde tem que se readaptar, sobretudo nas áreas de

maior risco do Brasil, com brigadistas, profissionais de saúde, bombeiros, estoques adequados de vacinas e profilaxia. Não se justifica mais um país como o Brasil, com a força do SUS, não estar preparado numa contingência para desastre climático — afirma ela. O comandante do Exército, general Tomás Paiva, aponta os desafios enfrentados no Rio Grande do Sul à missão de paz no Haiti, quando a região caribenha foi atingida pelo furacão Noel.

—Uma vez um deputado me perguntou para que Forças Armadas se não temos guerra. Essa é uma guerra em que precisamos ganhar. Temos que salvar vidas e ajudar a reconstruir um estado — disse o ministro da Defesa, José Múcio. (Jennifer Gullarte, Sarah Toffilo, Thiago Faria, Eduardo Gonçalves, Karolín Bandeira, Eliane Oliveira, Patrick Camargos, Victoria Abel e Genilda Decca)

### APRESENTANDO

**Sem abaixar.  
Sem encostar.  
Sem pegadinha.**

**SKECHERS  
HANDS FREE  
Slip-ins**



**CHUELA DE ABAIXAR**  
NUNCA MAIS TOQUE NOS SEUS CALÇADOS  
LAVÁVEL NA MÁQUINA

### É SÓ CALÇAR E SAIR

Apresentamos o novo Skechers Hands Free Slip-ins\*. Calçar os seus sapatos nunca foi tão fácil. Sem abaixar. Sem puxar. Sem dificuldades. O design único **Heel Pillow™** mantém seus pés seguramente no lugar!

©2023 SKECHERS CORPORATION. SKECHERS E SKECHERS HANDS FREE SLOGAN SÃO MARCAS REGISTRADAS DA SKECHERS CORPORATION.